

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

RAIANA PEREIRA ALVES

**A GENEALOGIA DA MORAL EM NIETZSCHE: UMA CRÍTICA À MORAL
JUDAÍCO-CRISTÃ**

João Pessoa - PB

2021

RAIANA PEREIRA ALVES

**A GENEALOGIA DA MORAL EM NIETZSCHE: UMA CRÍTICA À MORAL
JUDAÍCO-CRISTÃ**

Monografia de conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Marconi José Pimentel Pequeno

João Pessoa - PB

2021

A474g Alves, Raiana Pereira.

A GENEALOGIA DA MORAL EM NIETZSCHE: UMA CRÍTICA À MORAL
JUDAÍCO-CRISTÃ / Raiana Pereira Alves. - João Pessoa,
2021.

44 f.

Orientação: MARCONI JOSÉ PIMENTEL PEQUENO.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. RESSENTIMENTO. 2. MÁ CONSCIÊNCIA. 3. IDEAIS
ASCÉTICOS. I. PEQUENO, MARCONI JOSÉ PIMENTEL. II.
Título.

UFPB/CCHLA

Raiana Pereira Alves

A GENEALOGIA DA MORAL EM NIETZSCHE: UMA CRÍTICA À MORAL JUDAÍCO-
CRISTÃ

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Filosofia na Universidade Federal Da Paraíba – UFPB, apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marconi José Pimental Pequeno (orientador) UFPB

Prof. Dr. Robson Costa Cordeiro (examinador) UFPB

Prof. Dr. Miguel Ângelo Oliveira do Carmo (examinador) UFPB

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por terem me proporcionado acesso à educação e por sempre terem me incentivado na busca pelo conhecimento.

Agradeço à Universidade Federal da Paraíba por toda a jornada e experiências vividas durante a realização do curso.

Gostaria de agradecer em especial ao meu orientador Professor Marconi Pequeno por ter aceitado me conduzir pacientemente durante a realização do trabalho monográfico.

A todos os professores do curso de filosofia da UFPB e com muito carinho ao já falecido Giovanne Queiroz, que em seu tempo entre nós muito me inspirou a seguir no curso de filosofia.

Por fim, agradeço aos meus amigos em geral e às amigas Priscila Sousa e Paula Marcelino, por toda a compreensão, apoio e acalento durante a realização do curso e do trabalho monográfico.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo tratar da crítica de Nietzsche à moral tradicional, mais precisamente discorrer sobre a natureza e as implicações da moral judaico-cristã, retrazendo o tema da transvaloração dos valores, da consciência culpada e dos ideais ascéticos, elementos fundamentais de sua Genealogia da moral. Para Nietzsche, a moralidade judaico-cristã aprisiona e oprime o homem ao eliminar as suas energias vitais, pois o transforma em algo diferente da sua verdadeira condição natural. A crítica nietzschiana destaca também como surgiu a moral de rebanho (produto da rebelião escrava da moral), movida pelo ressentimento, em contraposição à moral do senhor, e também como se deu a inversão de valores, a qual determinou uma mudança no comportamento dos indivíduos por meio do arrefecimento da sua vontade de poder. Assim, para ele, a moral judaico-cristã, baseada no ressentimento, na má consciência e nos ideais ascéticos, se impôs como uma tirania contra a natureza humana.

Palavras-chave: ressentimento, má consciência, ideais ascéticos, cristianismo.

ABSTRACT

This research aims to discuss Nietzsche's criticism of traditional morality, more precisely the nature and implications of the Judeo-Christian morality, retracing the themes of the transvaluation of values, the guilty conscience, and ascetic ideals, fundamental elements to his *On the Genealogy of Morality*. To Nietzsche, the Judeo-Christian morality imprisons and oppresses man by eliminating his basic features, as it transforms him into something different from his true natural condition. The Nietzschean criticism also highlights how the flock's morality (a product of the slave rebellion of morality) in contrast to the master's morality, and how the inversion of values took place, which led to a change in the individuals' behavior through the weakening of his will to power. Hence, to Nietzsche, the morality forged by ascetic ideals imposes itself as tyranny against human nature.

Keywords: resentment, bad conscience, ascetic ideals, Christianity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
I. NIETZSCHE E A GENEALOGIA DOS VALORES.....	p.12
1.1 A crítica de Nietzsche à metafísica e à moral judaico-cristã.....	p.12
1.2 A origem dos conceitos bom x mau, bom x ruim	p.14
1.3 O ressentimento e a rebelião escrava da moral	p.19
1.4 Como se fabricam ideais na Terra?.....	p.22
II. CULPA E MÁ-CONSCIÊNCIA	p.24
2.1. Promessa, memória e esquecimento.....	p.24
2.2. Castigo e crueldade.....	p.29
2.3. Culpa e má-consciência.....	p.31
III OS IDEAIS ASCÉTICOS E O NILISMO.....	p.33
3.1 Os ideais ascéticos e a negação da vida.....	p.33
3.2. O sacerdote ascético e a vontade de nada.....	p.35
3.2. O ideal ascético enquanto doença da alma.....	p.39
IV. CONCLUSÃO.....	p.42
V. REFERÊNCIAS.....	p.44

I. INTRODUÇÃO

Em sua *Genealogia da moral*, Nietzsche pretende retratar a origem da moral e seus desdobramentos. Para ele, saber o significado das palavras e conhecer a história de sua evolução é a única forma de penetrar na fonte de onde brotam a moral e os valores. Segundo Nietzsche, os filósofos da moral criaram e disseminaram as ideias de vida virtuosa e esqueceram a própria vida. Assim, ele define tais autores como criadores de ilusões e também como doutrinadores de costumes que transformaram a vida em um projeto movido por intenções morais.

Portanto, o objetivo de Nietzsche em sua *Genealogia* é demonstrar como se originaram os valores, mas também destruir as ilusões que os homens criaram sobre si mesmos. Nietzsche denuncia a influência nociva da tradição socrático-platônica e como a metafísica criou as entidades suprassensíveis. Associada essa crítica à metafísica tradicional, ele também denuncia a tradição judaico-cristã que, com a ajuda dos sacerdotes, acabou por potencializar a doença desse homem que se tornou um animal manso, dócil, domesticado.

Nietzsche, com isso, revela a situação de um ser que está cansado de si mesmo, que procura desesperadamente livrar-se da falta de sentido diante de um mundo de escombros ou de coisas deterioradas. É isso que busca Nietzsche em sua crítica: compreender a doença que atinge a alma humana e entender a motivação que está oculta nas construções de todos os pensadores. Para ele, trata-se de denunciar suas crenças, seus ideais, sua inversão dos valores. Desse modo, sua reflexão pretende indicar como a moral judaico-cristã transformou o homem em um ser doente, enfraquecido em suas energias vitais.

Seguindo o próprio percurso adotado pelo filósofo em sua obra, no capítulo I deste trabalho trataremos da genealogia dos valores *bom e mau*, *bom e ruim*, que, para Nietzsche, sofreram transformações conceituais ao longo dos tempos. Ele, por isso, denuncia os chamados “psicólogos ingleses”, pois, além de buscarem a matriz genealógica dos valores, eles esqueceram o espírito histórico ao se concentrar apenas na atualidade dos valores. Além disso, tais autores associavam o bem ao útil ou conveniente, como faziam os autores utilitaristas. Veremos, pois, como ocorre a transvaloração dos conceitos e também como se dá a reviravolta nessa forma de

valorar decorrente do próprio ressentimento que se torna criador de valores. Nietzsche demonstra que o surgimento dessas forças reativas está na origem da rebelião escrava da moral e como, a partir daí, são criados os ideais na Terra.

O capítulo II destina-se ao tratamento da má consciência ou consciência culpada. Para Nietzsche, a consciência é a mais frágil e falível das faculdades e, por meio dela, o homem foi inibido em seus instintos, os quais se voltaram contra ele próprio. Assim, a origem da má consciência traduz a opressão exercida pelos costumes contra esse homem que se tornou manso, frágil. Nesse sentido, a má consciência aparece como produto de uma ruptura, sendo ainda uma forma de coerção, pois traduz a violência do indivíduo contra ele próprio. Com isso, a moral judaico-cristã utiliza a repressão para realizar seus propósitos e afirmar seu controle sobre os seus seguidores. Portanto, a má consciência resulta de um instinto reprimido, encarcerado em seu próprio interior. Veremos também que, em sua origem, a má consciência estava vinculada à relação credor-devedor, já que traduzia uma espécie de obrigação ou de dívida que deveria ser paga com sacrifícios, obediência e respeito.

Por fim, no capítulo III, indicaremos como Nietzsche trata dos ideais ascéticos e de sua relação com o niilismo. Para Nietzsche, o ideal ascético nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera e que busca se recompor e se purificar. Portanto, o ideal ascético consiste em um meio para que se chegue a uma outra existência. Eis por que ele foi também utilizado como um instrumento da tradição judaico-cristã para a afirmação de suas pretensões e garantia do seu poder. Nietzsche, inicialmente, trata do ascetismo entre os artistas, filósofos, sacerdotes, demonstrando como cada um deles erige tais ideais e com quais finalidades. Segundo o referido filósofo, o significado do ideal ascético para a existência humana decorre de um aspecto fundamental da vontade humana: o horror ao vazio (*horror vacui*). Eis por que, para Nietzsche, o homem prefere querer o nada (a exemplo de valores antinaturais que podem dar algum sentido à sua vida, ou mesmo o desejo de destruição ou de autodestruição) a nada querer. Em seguida, veremos como os ideais ascéticos foram erigidos pelos sacerdotes e de que modo esse “modo de valorar” fez com que o sacerdote ascético realizasse seus interesses de dominação e de poder.

Na parte conclusiva, demonstraremos como a transvaloração dos valores, a força do ressentimento, a emergência da má consciência e o papel dos ideais ascéticos constituem os elementos fundamentais da moral judaico-cristã e como a genealogia da moral de Nietzsche demonstra como cada um desses elementos se conjugam na constituição dessa tradição religiosa e de seus mecanismo de controle e opressão.

I. NIETZSCHE E A GENEALOGIA DOS VALORES

1.1.A crítica de Nietzsche à metafísica e à moral judaico-cristã

Na *Genealogia da moral*, Nietzsche investiga o surgimento dos valores morais dominantes na sociedade moderna. Ele, inicialmente, denuncia a filosofia socrático-platônica por gerar uma ruptura entre o trágico e o racional e também a religião judaico-cristã por instituir uma ruptura entre os mundos profano e sagrado. Nietzsche não foi o primeiro, nem, tampouco, o único filósofo a lançar críticas à metafísica tradicional e à moral judaico-cristã, porém ele é, certamente, o autor que mais intensamente denunciou os fundamentos, desdobramentos e efeitos desses dois elementos que formam os pilares do pensamento e da cultura ocidentais. Convém ressaltar que, em diversas obras, o referido filósofo combate a tradição socrático-platônica e as raízes do judaísmo e do cristianismo.

Todavia, é na *Genealogia da Moral*, obra publicada em 1887, que ele desvela o modo como o discurso sobre o ser, a verdade e o bem passaram a repercutir e a moldar a vida dos homens e também a constituir as bases da nossa cultura. Porém, antes de investigar o conteúdo de tal obra, devemos indicar em que consiste o termo *genealogia* e porque Nietzsche resolve empreender uma investigação genealógica.

Ora, entende-se por genealogia o estudo sobre a gênese das coisas, de um fato ou realidade do mundo. Nesse sentido, a *genealogia da moral* seria, como bem se indica no início da obra, um estudo ou um método de explicação e interpretação visando investigar a origem dos valores morais. Segundo Nietzsche, os valores não têm uma existência em si, portanto não podemos tomá-los como uma realidade ontológica. Eles são uma criação do homem em um determinado momento histórico. Isso significa que não são fatos, mas apenas interpretações elaboradas pelos homens a partir de suas vivências.

Para Nietzsche, a impressão que se tem é de que os valores morais sempre existiram da forma como são conhecidos, e esta concepção é algo totalmente equivocado, porquanto o que é agora tido como bom e mau nem sempre foi assim considerado. A moral oscila de acordo com cada momento histórico, de modo que o valores não são criações naturais, nem, tampouco, foram erigidos por uma sabedoria divina e absoluta. Eles são maleáveis e se constituem de acordo com os

aspectos particulares de cada sociedade ou momento histórico, dentre outras influências.

Nietzsche, como vimos, se revela como um grande crítico da moral judaico-cristã, já que esta norteia ainda a forma de agir de grande parte das sociedades contemporâneas. Consequentemente, não há como falar em moral sem levar em conta a ligação entre a filosofia socrático-platônica e a moral judaico-cristã e o cristianismo.

Nesse sentido, a crítica ao pensamento socrático-platônico se dá porque não concorda com o olhar e o juízo de valor que tal filosofia emite sobre a vida, como se esta fosse algo exterior ao indivíduo, uma vez que na filosofia de Platão prezava um plano ideal de perfeição o qual não se tem acesso completo, sendo o mundo real apenas sombra deste mundo ideal que só poderia ser alcançado em outro plano. Neste cenário, Sócrates, com seu apego à pura racionalidade, iniciou um período que levou a humanidade à decadência e Platão chegou ao ápice desse movimento com a sua teoria das ideias, pois ampliou a valorização do mundo ideal em detrimento do mundo sensível. Assim, uma vez que a metafísica platônica está intrinsecamente associada aos ideais cristãos, pois os mesmos possuem os mesmos fundamentos, a crítica à moral judaico-cristã significa também uma crítica ao próprio platonismo, no sentido em que ambos estão embasados nas mesmas crenças, as quais se revelam sob a forma da existência de um mundo transcendente e inteligível que abriga o ser, o bem e a verdade – no caso do platonismo -, seja sob a forma de um paraíso como instância final de redenção do ser humano – a exemplo do cristianismo. Em ambos os casos, a vida real, sensível, profana é negada em nome de uma ascese transcendental¹.

Assim, para Nietzsche, os valores judaico-cristãos deram continuidade às ideias platônicas, propagando-se em proporções incalculáveis por toda a população europeia e determinando suas crenças, comportamentos e costumes. A moral cristã tornou-se predominante e isso implicou na negação dos instintos, da natureza e da *vontade de poder* do indivíduo.

A moral judaico-cristã representa, portanto, a manifestação de uma decadência que gera o enfraquecimento do homem, pois reflete a transformação do tipo forte em tipo fraco. Ela resulta, pois, do triunfo das forças reativas sobre as

¹ Acerca do teor das críticas de Nietzsche ao platonismo e à tradição judaico-cristã, ver: Giacóia (1997)

forças ativas. Nesse sentido, ela, ao subtrair a força dos fortes, fez com que eles assumissem os valores dos fracos.

Outro ponto criticado concerne à valorização da compaixão, do sacrifício, e, neste ponto, ele considera que isso se constitui como um perigo para a sociedade, sendo esse um dos motivos que o levaram a buscar a origem da moral como a conhecemos hoje, uma vez que, para o filósofo, os valores precisam ser criticados e colocados em questão a fim de que se possam conhecer as suas consequências e implicações para a humanidade. Com efeito, a raiz dos preceitos morais é algo comum à coletividade e que não se forma de maneira isolada, sendo também algo constitutivo da condição humana. É disso que ele se ocupa em sua 1ª Dissertação.

1.2 A origem dos conceitos *bom x mau, bom x ruim*

Nietzsche, na referida obra, delimita o terreno no qual se alicerça a sua genealogia, empreendendo, da mesma forma, uma interpretação histórica acerca da origem dos valores e do nascimento da moral. Para tanto, ele, inicialmente, investiga o significado dos referidos conceitos, esquadrinhando os traços que indiquem a sua fonte inicial e também como determinados valores foram erigidos e sofreram modificações em determinados momentos da história.

Assim, na 1ª Dissertação de sua *Genealogia da moral*, Nietzsche investiga como os conceitos *bom* e *mau*, *bom* e *ruim* surgiram e foram transvalorados. Esta busca, no entanto, não parte do ponto de vista teológico ou metafísico, mas sim de uma análise hermenêutica de como os valores foram interpretados e até mesmo transformados ao longo de história.

De acordo com Marton (2000) Nietzsche possui uma noção de valores na qual põe em questão o modo como se deu a criação destes e como se transformaram. Assim, Diz Marton:

Se o valor dos valores “bem e mal” não chegou a ser posto em questão, é porque foram vistos como existindo sempre: instituídos num além, encontravam legitimidade em um mundo suprassensível. No entanto, uma vez questionados, revelam-se apenas “humanos, demasiadamente humanos”; em algum momento e em algum lugar foram simplesmente criados. (MARTON, 2000, p. 79)

Com isso, ele buscou compreender os primeiros usos e significados para os termos *bom* e *mau*. A crítica é dirigida, primeiramente, aos “psicólogos ingleses” da época – referindo-se, sobretudo, aos filósofos utilitaristas - já que foram os únicos até então que tentaram traçar uma genealogia da moral². Segundo tais autores, os conceitos de *bom* e *mau* estavam ligados às características que determinavam o caráter de um homem. Sobre isso, diz Nietzsche:

O caráter tosco da sua genealogia da moral se evidencia já no início, quando se trata de investigar a origem do conceito e do juízo “bom”. “Originalmente” — assim eles decretam — “as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis; mais tarde foi esquecida essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido costumeiramente tidas como boas foram também sentidas como boas — como se em si fossem algo bom.” Logo se percebe: esta primeira dedução já contém todos os traços típicos da idiossincrasia dos psicólogos ingleses — temos aí “a utilidade”, “o esquecimento”, “o hábito” e por fim “o erro”, tudo servindo de base a uma valoração da qual o homem superior até agora teve orgulho, como se fosse um privilégio do próprio homem. (NIETZSCHE, 1998, p 10.)

Embora recrimine a forma como os “psicólogos ingleses” tentaram elaborar uma genealogia da moral, já que o fizeram de uma maneira a-histórica e, sobretudo, utilitarista, Nietzsche ainda assim utiliza suas análises como ponto de partida para começar a destrinchar os conceitos de *bom* e *mau* e o porquê de tudo que era bom estar ligado ao que era nobre.

Para ele, tais conceitos não surgiram naturalmente, pois foram, em algum momento da história, criados pelos homens. Ademais, diz Nietzsche, quem começou a utilizar tais conceitos em seu proveito foram os senhores, os nobres, aqueles que possuíam o poder emanado da sua condição natural ou social. Esses senhores criaram tais valores e atribuíram a si mesmos o caráter de ser bom ou superior, utilizando, pois, tais valores a seu favor. Porém, os “psicólogos ingleses” ou utilitaristas conferiram aos conceitos morais uma ideia de serventia, como se eles tivessem sido criados para atender a um cálculo utilitarista. Todavia, segundo Nietzsche, eles estavam errados em sua tentativa de construção de uma genealogia,

² Quando se refere aos psicólogos ingleses, Nietzsche está visando, sobretudo, Jeremy Bentham e Stuart Mill, mas também parte de sua crítica se dirige contra Herbert Spencer, um dos precursores do darwinismo social. Sobre a crítica de Nietzsche aos “psicólogos ingleses”, ver: Fink (1988)

porque, inicialmente, o bom não estava ligado às ações não egoístas ou louváveis, como eles acreditavam.

Para Nietzsche, essa teoria simplesmente estabelece a fonte do conceito *bom* no lugar errado. Já nessa recusa se apresenta a tese nietzscheana: O *bom* não se liga ao *útil*, mas ao *nobre*, o aristocrata. É o próprio bom (homem superior) que diz o que é bom, que toma para si a tarefa de valorar o mundo pelo *sim*. Bom é o que o agrada ou o fortalece. Ao tornar a sua apreciação soberana, o nobre estabelece um *pathos da distância*. Ele afasta de si o juízo baixo, comum, alheio e aproxima cada vez mais daquilo que considera *bom*. Desse modo, não importa a utilidade, mas sim a força, isto é, a potência que se efetiva por meio desse *sim*. Sobre isso, afirma o autor:

O juízo “bom” não provém daqueles aos quais se fez o bem. Foram os bons mesmo, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, vulgar e plebeu” (NIETZSCHE, 1998, p11.)

Uma vez constatando o equívoco dos “psicólogos ingleses”, Nietzsche considera que os senhores ou nobres cunharam tais conceitos, tomando-os para si, estabelecendo, assim, uma oposição a tudo que lhes fosse contrário. Com isso, o filósofo destaca que as atribuições de bom e mau a ações egoístas e não egoístas apenas surgem quando os valores associados à aristocracia decaem. Assim, diz ele:

O *pathos* da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um “sob” — eis a origem da oposição “bom” e “ruim”. (O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que nos permitiríamos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem “isto é isto”, marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas.) Devido a essa providência, já em princípio a palavra “bom” não é ligada necessariamente a ações “não egoístas”, como quer a superstição daqueles genealogistas da moral. É somente com um declínio dos juízos de valor aristocráticos que essa oposição “egoísta” e “não egoísta” se impõe mais e mais à consciência humana — é, para utilizar minha linguagem, o instinto de rebanho, que com ela toma finalmente a palavra (e as palavras). (NIETZSCHE, 1998, p. 11)

Existe, pois, uma dupla origem dos valores morais que se revela por meio de uma oposição histórica irredutível entre dois tipos fundamentais de moral: uma “moral dos mestres ou senhores” e uma “moral dos escravos”. A primeira é considerada “sadia” ou natural, haja vista que é regida pelos instintos da vida, ou seja, se manifesta de forma espontânea assim como um comportamento animal enquanto a outra é antinatural, pois se revela contrária aos impulsos interiores do indivíduo.

A “moral aristocrática” decorre de valores imanentes e das forças vitais que define o homem pelo que ele pode ou é capaz de fazer. Enquanto isso, a “moral plebeia” baseia-se em valores metafísicos ou transcendentais. Trata-se, pois, de formas distintas de consideração da existência humana que se diferenciam radicalmente, sendo que uma se revela como afirmação da vida e a outra como sua forma declinada, enfraquecida (a moral do rebanho).

De maneira contrária agem os aristocratas que se autodeterminam como bons, pois, como vimos, eles consideram ruim o que é comum, o que não lhes é igual. Contudo, os nobres não desprezam os inimigos e reconhecem também sua condição de adversários. O nobre não olha o inimigo necessariamente como ruim. O ruim não é aquele que pode lhe causar algum dano, mas aquele que é totalmente desprezível por conta da sua covardia e fraqueza. A moral dos aristocratas é afirmativa, isto é, ela resulta da afirmação do nobre que diz *sim* a si mesmo. O nobre a cria determinando os valores a partir dos seus próprios critérios.

Os aristocratas se afirmam como bons, se sentem bons, estimam seus atos como bons. Assim, eles não se incomodam com os ruins, pois estes são simplesmente desconsiderados. A conduta dos nobres é livre, criadora e alegre, de modo que nele a atividade e a felicidade estão intrinsecamente ligadas. Contrário a isso, a moral dos escravos identifica a felicidade com a passividade, a paz, o sossego. Trata-se, pois, de uma moral negativa e reativa. E como ela não é capaz de instaurar valores, sua ação é tão somente uma reação.

Com efeito, o bom é associado aos atributos ou peculiaridades de uma determinada classe, no caso a dos nobres, posteriormente aos guerreiros e sacerdotes. Nesse sentido, as desigualdades se ampliam e ganham força porque o bom passa a ser associado ao caráter do homem, gerando uma rivalidade entre as classes nobres e escravas, já que os nobres atribuíram à classe escrava o que se

poderia considerar como ruim. É a partir desta dualidade e da evidente separação dos valores que Nietzsche formula a ideia de duas morais: a moral dos nobres e a moral dos escravos.

Nietzsche em seu percurso genealógico, também recorre à análise etimológica dos conceitos *bom* e *ruim*, a fim de encontrar o significado de tais palavras. Desse modo, diz o filósofo,

A indicação do caminho certo me foi dada pela seguinte questão: que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para “bom” cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual — que, em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que se faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim”. (NIETZSCHE, 1998, p. 12.)

Com isso, Nietzsche chega à conclusão de que o significado de bom, mesmo em diferentes línguas, sempre está ligado à nobreza e à aristocracia. O bom se relaciona com o bem, enquanto o mau se refere ao que é ruim. A fim de elucidar tal sentido, ele recorre à morfologia da palavra alemã *schlecht* que significa *ruim*, e *schlicht* que significa simples, e que era utilizada justamente para se referir ao plebeu, o homem simples.

Assim, ele pretende mostrar que até mesmo as palavras advêm das circunstâncias históricas e que a classe dos senhores fez estas associações, relacionando a plebe ao conceito de ruim, àquilo que deve ser desprezado, ou seja, a classe superior estabelece valorações e transformações conceituais e este fenômeno ocorreu em diversas culturas antigas. Nesse sentido, o autor afirma:

Precisamente o posto do que sucede com o nobre, que primeiro e espontaneamente, de dentro de si, concebe a noção básica de “bom”, a partir dela cria para si uma representação de “ruim”. Este “ruim” de origem nobre e aquele “mau” que vem do caldeirão do ódio insatisfeito – o primeiro uma criação posterior secundária, cor complementar; o original, o começo, o autêntico feito na concepção de uma moral escrava – como são diferentes as palavras “mau” e “ruim” ambas aparentemente opostas ao mesmo conceito “bom”! (NIETZSCHE, 1998, p. 19.)

É interessante observar que o conceito/valor *bom* se opunha a duas palavras distintas, quais sejam, mau e ruim, que mesmo não sendo termos sinônimos designam coisas que não são agradáveis e que devem ser desprezadas. Segundo Nietzsche, originariamente tais valores, em diferentes idiomas, eram sempre associados às classes mais baixas.

Os nobres erigiram os conceitos atribuídos a si mesmos, pois eles não invejavam o que era ruim. Eles se afirmavam a partir do seu poder de dizer sim a si mesmos, pois eram dotados de força plástica ativa. Ademais, o senhor não precisava do outro para se afirmar em sua condição de superioridade. Entretanto, as castas inferiores, os plebeus, passaram a alimentar uma inveja em relação ao que era *bom* e a desejar para si tal designação. Todavia, como faltava-lhes poder e recursos para tal, a inveja se transformou em atitude reativa regida pelo desejo de vingança e pelo espírito do ressentimento

1.3. O ressentimento e a rebelião escrava da moral

Vimos que a posição social de alguns indivíduos e o poder natural que eles exerciam perante os demais foram os fatores determinantes para atribuição do valor *bom* como algo superior, belo e nobre, enquanto o *mau* representava aquilo que era baixo, ruim, valores atribuídos às classes inferiores. Nietzsche observa que as classes superiores, constituídas por nobres e aristocratas, foram as criadoras de valores, pois possuíam força e poder para tal. Com efeito, as castas que se sobressaem sempre atribuíam boas qualidades àquilo que lhes favorecia. Assim, os sacerdotes conferiam as boas qualidades ao divino, ao que era puro e bondoso, enquanto os guerreiros consideravam o *bom* como expressão do que é corajoso, heroico, destemido.

Acontece que o homem ressentido, aquele representado pelo simples, plebeu, escravo, empreendeu uma revolta e esse ressentimento fomentou o desejo de vingança. Essa atitude reativa está na base da inversão dos valores morais sob a forma de rebelião escrava da moral. Tal transvaloração ocorreu de forma sorrateira, lenta e eficaz. Sobre isso, diz Nietzsche:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, dos atos, e que apenas por vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante sim a si mesmo. Já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não eu”. E este Não é seu ato criador. (NIETZSCHE, 1998, p. 17.)

O ressentimento traduz o predomínio das forças reativas sobre as forças ativas. O ressentido é também prisioneiro de uma vingança imaginária, um ódio insaciável. Ele cria um inimigo que considera malvado e elabora uma vingança contra seus valores. Assim, o outro aparece sempre culpado pelo que ele não é ou pode ser. No fim das contas, o ressentido acaba dando sentido à sua falta de força. Ao considerar o inimigo forte ou malvado, o ressentido – que é fraco e também é o oposto dos valores que o outro institui – considera o nobre mau e, com isso, pode se imaginar bom.

O ressentimento, em si, não é capaz de criar valores, pois o escravo, em razão da sua condição de fraqueza, não pode se afirmar e impor a sua vontade. Todavia, o que está dentro de suas possibilidades e ao seu alcance é a capacidade de promover a inversão dos valores. Todavia, se a nobreza cria valores a partir de seu poder e de sua potência, enquanto elementos naturais, de onde emerge a atitude reativa da moral escrava? Nietzsche responde que ela nasce do ressentimento e da própria fraqueza. Assim, a moral escrava advém do ódio e não há nada que os escravos mais odeiem do que seus senhores.

Há, entre os escravos, um sentimento de decepção por sua fraqueza e condição servil. Em face de suas próprias impossibilidades de promover uma mudança, surge o rancor, a mágoa e o ódio por aquele que se lhe opõe: o senhor, o homem nobre. Vendo-se fragilizado em sua própria condição, o homem ressentido deseja se vingar a fim de obter a devida reparação. Desse modo,

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. (NIETZSCHE, 1998, p. 17)

A moral escrava é criticada por Nietzsche porque inverte valores e deprecia os prazeres, a força, os instintos e as energias vitais que constituem os seres humanos. Os escravos só conhecem a face do mundo que torna sua vida hostil, não têm acesso aos deleites como os senhores nobres, e vivem em uma realidade em que a vida não lhe oferece prazer. A solução que encontra para fazer valer sua estratégia vingativa é promover a inversão dos valores. Assim, o que antes era fraco passa a ser digno de mérito e o impotente, o manso, o humilhado, torna-se o virtuoso e, uma vez que não possuem êxito ou conquista no mundo natural, a solução consiste em acreditar em um mundo metafísico ideal.

Nietzsche constata que as ações da moral escrava são reativas, pois demandam a existência do outro (o senhor) para retaliar. Trata-se de uma moral norteada pela ira vingativa, pelo desejo de reparação. Além disso, a moral criada pelo ódio judeu e propagada pelo cristianismo deprecia o mundo real, assim como fizera Platão em sua metafísica ao instaurar a ideia do plano ideal perfeito e menospreza o que é real, instaura um mundo metafísico, um paraíso para além deste mundo, o reduto da salvação eterna. Eis em que consiste a inversão dos valores tradicionais.

Esta inversão do olhar que estabelece valores — este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si — é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto — sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 1998, p.17.)

Nietzsche não deixa de destacar que tanto a moral escrava como a dos nobres tem como ponto comum a ânsia ou o desejo de poder, as duas possuem forças motivadoras, embora distintas. A moral dos nobres, como vimos, se constitui por meio da afirmação de si, enquanto aquela forjada pelos escravos decorre de uma força reativa que precisou da moral dos nobres para se estabelecer. Esta é a origem do antagonismo entre os dois tipos de moral, uma originada dos próprios instintos vitais, aquele conjunto de comportamentos que buscam preservar a saúde e a vida, que mantém o homem em segurança e a outra que surge a partir de uma enfermidade, de degeneração da própria vida, instaurada por sacerdotes judeus, que, na concepção de Nietzsche, mentem para si mesmos, constroem um ideal de

felicidade totalmente artificial. Estes seriam os mais terríveis dos inimigos, nas palavras do filósofo.

Para Nietzsche, o objetivo de toda a cultura do ressentimento é dominar o nobre, domesticar a “ave de rapina”, e, nesse sentido, é que reside todo o perigo para a humanidade, porque, como diz o filósofo, há um retrocesso representado pela vitória desse homem manso, que não fere, não possui maldade e se contenta com pouco impulso de vida.

Assim, com os judeus teve início a revolta moral dos escravos que durou dois mil anos até triunfar e se tornar hegemônica, e tal sucesso enraizou-se no seio da nossa cultura e deixou o ser humano totalmente “plebeizado”. Por isso, indaga Nietzsche:

Mas vocês não compreendem? Não têm olhos para algo que necessitou dois mil anos para alcançar a vitória?... Não é de admirar: tudo o que é longo é difícil de ver, ver inteiro. Mas isto é o que aconteceu: do tronco daquela árvore da vingança e do ódio, do ódio judeu — o mais profundo e sublime, o ódio criador de ideais e recriador de valores, como jamais existiu sobre a terra —, dele brotou algo igualmente incomparável, um novo amor, o mais profundo e sublime de todos os tipos de amor — e de que outro tronco poderia ele ter brotado?(NIETZSCHE, 1998, p.16).

Para ele, com a transvaloração, a moral escrava finalmente venceu, gerando uma espécie de envenenamento da humanidade, sendo a crucificação de Cristo uma representação simbólica dessa conquista. A imagem de um “Deus na cruz” traduz uma farsa e o amor cristão uma contradição, pois brota do ódio judeu que prevaleceu e que se disseminou por meio do cristianismo. Com o cristianismo foi radicalizado o desejo da moral escrava de produzir ideais na Terra.

1.4 Como se fabricam ideais na Terra?

O homem do ressentimento “instituiu” um novo *bom* e, a partir dele, construiu um novo ideal de justiça, de modo que a humildade tornou-se uma virtude e a fraqueza passou a ser tida como a verdadeira liberdade. Eis por que Nietzsche indaga: como são fabricados os ideais na Terra? E a resposta para tal

questionamento é a seguinte: os ideais são fabricados por meio de um processo minucioso, em que são falseados os conceitos de *bom*, de *moral*, de *Deus*.

O povo judeu é um povo sacerdotal que, movido pelo ressentimento, criou os ideais que conduzem os indivíduos a um mundo transcendente como local de realização e redenção para as suas dores e sofrimentos. Porém, criar valores de nada adiantaria se os mesmos não fossem propagados e consolidados no seio de uma cultura. Nietzsche descreve a forma como os ideais são fabricados como se houvesse um tipo de oficina ou maquinação sombria:

Alguém quer descer o olhar sobre o segredo de como se fabricam ideais na terra? Quem tem a coragem para isso?... Muito bem! Aqui se abre a vista a essa negra oficina... A fraqueza é mentirosamente mudada em mérito... e a impotência que não acerta contas é mudada em bondade; a baixeza medrosa, em humildade; a submissão àqueles que se odeia em obediência (há alguém que dizem impor essa submissão – chamam-no Deus). O que há de inofensivo no fraco, a própria covardia na qual é pródigo, seu aguardar-na-porta, seu inevitável ter-de-esperar, recebe aqui o bom nome de paciência... Falam também do 'amor aos inimigos'...

Eles me dizem que sua miséria é uma eleição e distinção por parte de Deus, que batemos nos cães que mais amamos; talvez essa miséria seja uma preparação, uma prova, um treino, talvez ainda mais – algo que um dia será recompensado e pago com juros enormes, não em ouro, mas em felicidade! A isto chamam de 'bem-aventurança', 'beatitude'.

Agora me dão a entender que não apenas são melhores que os poderosos, os senhores da terra cujo escarro têm de lamber (não por temor, de modo algum por temor! E sim porque Deus ordena que seja honrada a autoridade)... Mas basta, basta! Não aguento mais! O ar ruim! O ar ruim! Esta oficina onde se fabricam ideais – minha impressão é de que está fedendo de tanta mentira! (NIETZSCHE. 1998, p.23)

Quanto custou a criação de tais ideais? A resposta poderia ser: a realidade negada, as mentiras santificadas, a moral baseada em valores transcendentais. Trata-se de um mundo de ficções e de práticas que julgam obedecer à vontade de um Deus. Assim, tais ideais são criados quando a fraqueza transforma-se em mérito e se propaga a ideia dos que se dizem justos e merecedores de salvação.

O cristianismo como religião, se torna uma forma poderosa de adestrar o homem porque coloca em Deus o ideal de tudo o que falta nos mortais, arrasta-os para uma promessa de eternidade de glória que só será alcançada com a negação da própria realidade, com uma falsa ideia de benevolência. Porém, o ser humano não se dá conta de que tais valores criados o diminuem e o deixam em dívida com um Deus que é vingativo e que promete castigar os que não seguem seus preceitos.

A falsa benevolência do Deus criado a partir da moral do ressentimento permite que o homem prometa a salvação por meio do sacrifício e do sofrimento

mediante a promessa de compensação no juízo final. A fábrica de ideais é potencializada por um conjunto de pensamentos, manipulação e desculpas humanas que tornam a virtude o esconderijo da fraqueza. Aqui surge o terreno propício para a emergência da má consciência e toda a culpa que ela carrega. Esse é o tema do próximo capítulo.

II. CULPA E MÁ-CONSCIÊNCIA

2.1. Promessa, memória e esquecimento.

O método genealógico adotado por Nietzsche torna-se relevante para o esclarecimento acerca da gênese dos valores morais, bem como para a compreensão do surgimento da memória e de sua importância para a vida em sociedade³. A partir de tal percurso é possível entender como a memória nasceu e se tornou indispensável ao homem, posto que essa faculdade o permitiu fazer promessas, antes que os padrões da moralidade dos costumes fossem estabelecidos.

Em sua análise, Nietzsche acredita que muitos desafios surgiram ao homem quando este desenvolveu a capacidade de prometer. Ademais, o indivíduo precisou se adaptar à vida social, respeitando e acatando suas normas e, a partir do momento em que surge a promessa, ele necessitou ativar a memória para que fosse aceito socialmente e desfrutasse dos benefícios desse convívio.

Assim, na segunda dissertação da *Genealogia da Moral*, o filósofo trata da psicologia da consciência moral, refletindo sobre a relação entre memória e esquecimento e qual a relação de ambos com a capacidade humana de fazer promessas. Para ele, em algum momento da história, o homem que vivia em grupos precisou se proteger de ameaças e, para preservar o grupo, se utilizou de castigos para impor as regras que visavam garantir à convivência e sobrevivência da espécie.

³ Ainda sobre as ideias fundamentais de Nietzsche apresentadas na referida obra, ver Stern (1982)

Esta é a longa história da origem da responsabilidade. A tarefa de criar um animal capaz de fazer promessas, já percebemos, traz consigo, como condição e preparação, a tarefa mais imediata de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e, portanto confiável. (NIETZSCHE, 1998, p.30)

A memória é forjada pela dor e pelo ato da promessa. Foi preciso tornar os homens confiáveis para que eles pudessem coexistir no interior de um grupo social. A memória que gera a obrigação de cumprir uma promessa acarreta também a responsabilidade e esta instaura a confiança que permite a vida em sociedade. De acordo com o filósofo, os metafísicos estavam errados ao imaginar que a memória era algo criado de forma racional e pacífica, tampouco ela poderia estar associada à evolução da espécie como preconizavam os evolucionistas. Para ele, o aparecimento da memória está ligado aos mais diversos sacrifícios impostos para que o homem se tornasse um ser confiável na dinâmica da convivência em grupo. Eis por que a memória, como salienta o filósofo, foi gravada a ferro e fogo.

Como fazer no bicho-homem uma memória? Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação do esquecimento?... Esse antiquíssimo problema, pode-se imaginar, não foi resolvido exatamente com meios e respostas suaves; talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua mnemotécnica. “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” — eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra. (NIETZSCHE, 1998, p.31)

Nietzsche não especifica, na segunda dissertação, o momento de surgimento da memória, pois ele se preocupa com as circunstâncias que fizeram com que isso viesse a acontecer, ou seja, o homem da memória teve de aprender, através de duras circunstâncias, a se tornar confiável depois de um violento processo de domesticação mediante o qual ele aprendeu a prometer. O indivíduo necessitou se adequar a tais situações a fim de ser aceito no meio social. Assim, a memória, a responsabilidade e a culpa foram essenciais para que ocorresse um controle social sobre o indivíduo.

Com a instauração dos instrumentos de controle, a exemplo das noções de dívida e castigo, o homem teve que reprimir seus instintos, já que não podia mais externá-los como um animal que vive em liberdade com a natureza e, dessa maneira, acabou por interiorizar os seus impulsos naturais. Na condição de ser social, o homem foi obrigado a viver condicionado pela moral, isto é, foi coagido a seguir normas estabelecidas, tornando-se dependente da memória e, da mesma forma, passou a ser responsabilizado pelos seus atos.

A promessa destinou-se também a tornar o homem confiável, pois a palavra empenhada foi tomada como uma garantia, sendo ainda uma forma de antecipar o futuro e trazê-lo para o presente a fim de mudar a situação que o homem se encontrava. Com isso, o indivíduo precisou driblar o esquecimento através da memória, de modo que o seu surgimento foi potencializado pela moralidade dos costumes que se impôs como uma camisa de força social destinada a domesticar e a tornar o homem confiável.

O autêntico trabalho do homem em si próprio, durante o período mais longo da sua existência, todo esse trabalho pré-histórico encontra nisto seu sentido, sua justificação, não obstante o que nele também haja de tirania, dureza, estupidez e idiotismo: com ajuda da moralidade do costume e da camisa-de-força social, o homem foi realmente tornado confiável. (NIETZSCHE, 1998, p.30)

Disso se infere que a memória e os valores sociais aprisionaram o homem, o qual, a partir de então, foi obrigado a mudar seu modo espontâneo de agir e viver, tornando-o um animal domesticado, reprimido em seus impulsos naturais. A partir daí surgem os conceitos de culpa, consciência e má consciência, haja vista que

Nesta esfera, a das obrigações legais, está o foco de origem de mundo de conceitos morais: —culpa, —consciência, —dever, —sacralidade do dever — o seu início, como o início de tudo grande na terra, foi largamente banhado de sangue.(NIETZSCHE, 1998, p. 34)

É interessante observar que os conflitos estão presentes na gênese tanto dos valores morais quanto da memória, pois tais valores surgiram do conflito e a memória surge também para preservar tais valores. Assim, a memória foi construída por meio de pressões, dor e castigo que tornaram o homem um ser temeroso e, ao

mesmo tempo, o transformaram em um ser frágil e sem espontaneidade. O castigo impôs a obediência por intermédio do sofrimento, ou seja, caso um indivíduo que prometeu não cumprisse a promessa, ele seria punido com castigo e sofrimento, de modo que o devedor deveria se lembrar disso para não ser punido.

A consciência devedora decorre de um medo ancestral. A consciência da dívida gera uma espécie de sentimento de culpa. De modo que a humanidade recebeu o peso das dívidas não pagas e esse sentimento de culpa atingiu seu ponto de culminação com o advento do Deus cristão, porque nesse sentido o homem se sente sempre em dívida com Deus. Nietzsche considera que a má consciência pode ser considerada como uma “doença” contraída pelo homem quando este se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade – neste ambiente, subitamente seus instintos perderam seu valor.

Porém, o homem não pode deixar de ser aquilo que a natureza fez dele, não pode abandonar suas inclinações, mas, no máximo, desviá-las e disfarçá-las. Assim, quando os instintos humanos de liberdade e poder não podem se exteriorizar, voltam-se para dentro do próprio homem. É assim que nasce a grande doença da qual o homem sofre até a atualidade: a má consciência

A humanidade atormentada tenta encontrar refúgio no cristianismo. Surge aqui a imagem do Deus crucificado pela culpa dos homens e estes parecem sentir orgulho de ser devedor. A culpa aparece, assim, como caminho para a redenção. Para Nietzsche, a crueldade reprimida pelo bicho-homem foi interiorizada, gerando o que ele chama de automartírio. O homem, por isso, tornou-se domesticado pela consciência culpada

Mas, Nietzsche considera que a invenção dos deuses não é um erro ou uma degenerescência, pois existem formas nobres de se inventar deuses. Os gregos, por exemplo, inventaram deuses que possuíam energia criativa, potência, pois estava á serviço da vida. Todavia, no cristianismo, a invenção de Deus gerou a violação e a autocrucificação do homem e a negação da existência concreta do indivíduo. Nietzsche trata do processo de espiritualização da vingança e da crueldade, pois, ao ser incapaz de agir contra as crueldades impostas pelos senhores, a casta sacerdotal delega ao seu Deus a tarefa de impor a eles uma vingança ainda mais cruel: o castigo eterno.

O cristianismo incorporou bem tais postulados em sua doutrina, pois também adotou a imposição de castigos para tornar o homem um ser dócil e manso. A partir daí, o indivíduo precisaria viver de forma pacífica, seguindo determinados preceitos para, só assim, alcançar uma recompensa e evitar os mais terríveis castigos. Todavia, pode-se reconhecer a existência de uma tensão na relação entre promessa e esquecimento, isso porque, segundo Nietzsche, a promessa faz com que o homem não esqueça e seja capaz de lembrar no tempo certo, o esquecer pode ser algo benéfico, pois trata-se de uma espécie de sono destinado a recarregar as suas energias vitais. Para o filósofo, o esquecimento é o guardião da ordem psíquica, na medida em que:

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como creem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar “assimilação psíquica”), do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou “assimilação física”. (NIETZSCHE, 1998, p. 29)

O esquecimento possui, assim, uma dimensão positiva e útil, porque preserva o ordenamento físico e psíquico, propiciando ao homem a abertura para o que é novo. Ademais, o homem que não é capaz de esquecer, diz Nietzsche, torna-se prisioneiro do passado e não consegue se lançar para o que é desconhecido e novo. Assim, a ausência de esquecimento o impede de vivenciar novos prazeres e de viver o devir.

É nesse sentido que o esquecimento funciona como uma forma de proteção, sendo este também um dos traços da moral nobre, porque o homem desta moral direciona suas ações por meio de forças naturais e impulsos inconscientes que constituem sua condição. Nisso ele afirma o seu presente sempre olhando para o futuro. Ao contrário deste, o homem da moral escrava possui uma memória larga já que ela é sempre nutrida pela doença do ressentimento. A partir das noções de memória e esquecimento, Nietzsche vai tratar do castigo e da crueldade.

2.2. Castigo e crueldade

As diversas práticas do castigo também fizeram com que o homem cultivasse cada vez mais a memória a fim de evitar possíveis punições. Em sua genealogia, Nietzsche considera que as práticas cruéis e violentas serviram como fio condutor do processo civilizatório, pois na aurora da humanidade os impulsos agressivos geraram os mais significativos valores culturais.

Os castigos impunham ao homem obediência e estabeleciam a obrigação de cumprimento de promessas mediante a imposição de sofrimentos. Com efeito, os antigos se utilizavam dos castigos para as mais diversas situações, fossem elas destinadas à vingança ou à reparação. Nietzsche analisa como o castigo foi empregado em diferentes momentos da história e que ele não possui um significado estático e definitivo. Na verdade, sua finalidade surge de acordo com as práticas de cada sociedade e, por isso, possui funções diversas que se adequam de acordo com os costumes e interesses de cada grupo humano. Desse modo,

Para ao menos dar uma ideia de como é incerto, suplementar e acidental o “sentido” do castigo, de como um mesmo procedimento pode ser utilizado, interpretado, ajustado para propósitos radicalmente diversos, eis o elenco que me resultou de um material relativamente pequeno e casual. Castigo como neutralização, como impedimento de novos danos. Castigo como pagamento de um dano ao prejudicado, sob qualquer forma (também na de compensação afetiva). Castigo como isolamento de uma perturbação do equilíbrio, para impedir o alastramento da perturbação. (NIETZSCHE, 1998, p. 43)

Nesse sentido, observa-se que o significado do castigo é fluído e flexível, de forma que pode ser empregado para múltiplas finalidades. Contudo, o que o filósofo observa é que o castigo, além de ter a finalidade de domesticar o homem sob a forma de penalidade ou mesmo como instrumento regulador do comportamento, ele também foi empregado em práticas festivas como forma de satisfazer o sujeito. Mais ainda, o castigo esteve também a serviço do próprio exercício da crueldade. Para Nietzsche, ao longo da história humana, a crueldade tornou-se fonte de prazer. O prazer em fazer sofrer, segundo ele, faz parte do processo civilizatório.

Dentre os múltiplos usos e finalidades do castigo uma das principais foi tornar o homem confiável, porém mais que tudo, deter o sentimento de culpa. A culpa surge como a sensação em face de algo que não deveria ter sido praticado e se liga ao conceito de dívida, enquanto o castigo advém de um sentimento de

compensação e se refere à noção de reparação, e ambos se configuram como elementos da moralidade dos costumes destinados a evitar que os homens sucumbam aos prazeres e se deixem seduzir pelas paixões.

O conceito de *culpa* estaria ligado ao conceito de *dívida* e decorreria da relação entre um credor e um devedor e, mais ainda, das memórias de débito e crédito. Assim, o dano causado pelo descumprimento de uma promessa seria reparado por meio do castigo. No entanto, Nietzsche explica que não há como determinar a origem dessa ideia tão antiga:

De onde retira sua força esta ideia antiquíssima, profundamente arraigada, agora talvez inerradicável, a ideia da equivalência entre dano e dor? Já revelei: na relação contratual entre credor e devedor, que é tão velha quanto a existência de “pessoas jurídicas”, e que por sua vez remete às formas básicas de compra, venda, comércio, troca e tráfico. (NIETZSCHE, 1998, p. 33)

A ameaça iminente do castigo lembra ao devedor que a promessa deve ser cumprida sob pena de ele ser castigado e também revela que o credor, caso o débito não seja quitado, poderá exigir um pagamento ou uma reparação ao devedor, podendo, para tanto, utilizar uma punição para causar dor e sofrimento de ordem física ou psíquica. Assim, infligir sofrimento aos outros era algo que suscitava a sensação de poder e superioridade, além de dar prazer a quem o praticava, de modo que os infortúnios foram gravados em suas formas mais dolorosas e violentas. Ademais, pergunta Nietzsche: quais as consequências da domesticação do homem levada a efeito pelo castigo e pela dor? A resposta é: um ser adoecido em decorrência de todas as pressões e transformações sofridas. Apresenta a má consciência como uma doença contraída pelo homem.

Neste ponto já não posso me furtar a oferecer uma primeira, provisória expressão da minha hipótese sobre a origem da “má consciência”: não é fácil apresentá-la, e ela necessita ser longamente pensada, pesada, ponderada. Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu — a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz. (NIETZSCHE, 1998, p. 45)

A relação entre devedor e credor passa também a ser utilizada pelo cristianismo como alicerce da religião. Desse modo, Deus será tomado como Ser superior e o homem, numa condição inferior, está em dívida eterna para com a

divindade. Assim, a crença na salvação coloca o homem numa posição em que precisa seguir obrigações morais, ser bom, humilde, generoso, piedoso, a fim de que consiga alcançar a promessa do paraíso. Nessa perspectiva, o castigo torna-se também uma forma de o homem quitar a dívida oriunda de sua condição de pecador.

No homem culpado é colocado uma espécie de freio espiritual, isto é, ocorre aqui a interiorização do indivíduo que adoeceu de si mesmo. Assim, aquele homem que outrora era dotado de espontaneidade, tornou-se um ser reprimido em seus impulsos, de modo que suas forças vitais acabaram se voltando para dentro dele mesmo. O indivíduo acabou indo de encontro à sua própria natureza e um dos mecanismos que geraram tal desnaturalização foi justamente a própria má consciência ou consciência culpada.

2.3. Culpa e má-consciência

A má-consciência é fruto da violência suportada pela humanidade, ou seja, ela consiste nos instintos cruéis interiorizados, aqueles aos quais o homem foi obrigado a reprimir. Assim, a consciência culpada resulta daqueles instintos que se voltam contra o próprio homem, uma força que vai de encontro ao que é espontâneo, gerando no organismo uma doença. Por isso, diz Nietzsche:

A má consciência é uma doença, quanto a isso não há dúvida, mas uma doença tal como a gravidez é uma doença. Investiguemos as condições em que essa doença atingiu a sua mais terrível e mais sublime culminância — veremos o que realmente surgiu então no mundo. (NIETZSCHE, 1998, p. 48)

Nietzsche ainda compara a má consciência a uma gravidez que gera um produto que vem de si mesmo, sendo esse produto o ressentimento. Com efeito, o homem adoece de si mesmo, e tudo isso aconteceu para que ele pudesse se adaptar à sua nova realidade, sendo que isso tornou possível a existência do homem civilizado.

Todavia, esse processo de domesticação do homem não ocorreu de modo fácil, nem, tampouco, eliminou sua natureza, haja vista que é possível conter, mas jamais suprimir completamente os seus instintos. Para Nietzsche, no período em que os homens assumiam a sua condição natural, eles eram dotados de força e selvageria, viviam seguindo seus instintos. Porém, a moralidade dos costumes, a transvaloração dos valores, a vitória do ressentimento e a emergência da má consciência geraram uma ruptura do homem com a sua natureza em novo da harmonia, do controle e da ordem.

O mesmo que deve ter sucedido aos animais aquáticos, quando foram obrigados a tornar-se animais terrestres ou perecer, ocorreu a esses semianimais adaptados de modo feliz à natureza selvagem, à vida errante, à guerra, à aventura — subitamente seus instintos ficaram sem valor e “suspensos”. A partir de então deveriam andar com os pés e “carregar a si mesmos”, quando antes eram levados pela água: havia um terrível peso sobre eles. Para as funções mais simples sentiam-se canhestros, nesse novo mundo não mais possuíam os seus velhos guias, os impulsos reguladores e inconscientemente certos — estavam reduzidos, os infelizes, a pensar, inferir, calcular, combinar causas e efeitos, reduzidos à sua “consciência”, ao seu órgão mais frágil e mais falível! (NIETZSCHE, 1998, p. 45)

O homem, para conseguir conviver em sociedade, teve que controlar seus impulsos e reprimir seus instintos. Desse modo, o castigo impôs um limite à liberdade, assim como o estilo de vida determinado pela moralidade dos costumes se destinaria à convivência pacífica entre seus membros. Todavia, Nietzsche assinala que a constante repressão dos instintos causou-lhes um sentimento de angústia e infelicidade. Assim, se antes suas vidas eram guiadas pelos instintos, agora passam a ser regidas pelas normas sociais impostas por autoridades morais ou religiosas.

A violência, que antes se manifestava de forma livre e espontânea, a partir de então torna-se algo abjeto e censurável. Nesse sentido, a má consciência atua impedindo o indivíduo de agir livremente, ou seja, ela o invade para eliminar a sua espontaneidade, potencializando o sentimento de culpa que passa a dominá-lo por meio do sofrimento que lhe causa. Ao ser massacrado pela consciência culpada, não resta nada mais ao indivíduo do que procurar refúgio nos ideais ascéticos, tema do próximo capítulo.

III OS IDEAIS ASCÉTICOS E O NILISMO

3.1 Os ideais ascéticos e a negação da vida

Os ideais ascéticos se constituem como produto final do ressentimento e da má consciência. Tais ideais representam também, o momento em que a vida se volta contra si própria, revelando, ao mesmo tempo, aquilo que o filósofo chama de *fisiologia doente do indivíduo*. Com efeito, Nietzsche considera que o ressentimento e a má consciência são signos de uma patologia, enquanto os ideais ascéticos seriam os seus sintomas. O remédio oferecido pelos sacerdotes ascéticos para o homem doente de culpa e ressentimento é um sentido para o seu sofrimento.

Os sacerdotes ascéticos foram os responsáveis pela criação de tais ideais, na medida em que passaram a agir como “médicos” capazes de fornecer suporte para a dor e evitando que o ser humano entre em completo desespero. O próprio homem da má consciência seria o responsável por propagar a culpa entre os demais com base no desejo escravo de igualar a todos. É o sacerdote, como membro da nobreza, que cunha os valores do ideal ascético, sendo assim um misto de homem nobre e de caluniador da vida. Desta maneira o indivíduo busca um culpado para seu sofrimento e o sacerdote ascético oferece o diagnóstico e o seu remédio: o próprio homem é culpado pelo seu sofrer e os ideais ascéticos seriam uma forma de combatê-lo. Com isso, ele faz com que a negação da vida se transmute na única solução para conservar a própria vida, gerando uma espécie de contradição, já que se deseja extrair força da própria fraqueza. Eis o que diz Nietzsche:

Mas não poderia haver erro maior e mais fatal do que os felizes, os bem logrados, os poderosos de corpo e alma começarem a duvidar assim do seu direito à felicidade. Fora com esse 'mundo do avesso'! Fora com esse debilitamento do sentimento! Que os doentes não tornem os sadios doentes [...] o superior não deve rebaixar-se a instrumento do inferior” – (NIETZSCHE, 1998, p.71)

Os ideais ascéticos estão conjugados com a moral religiosa, que, com base nos textos sagrados, determinou como pecado tudo aquilo que dá prazer aos homens, isto é, tudo aquilo que decorre dos impulsos, paixões e inclinações. Assim, se antes da emergência da tradição socrático-platônica, os homens viviam felizes usufruindo de tais prazeres, agora a vida regida pelos desejos do corpo passa a ser

considera com algo desviante ou pecaminoso. Nessa mesma direção, a revolta escrava na moral fez com que aqueles que sentem dor e renunciam aos prazeres mundanos sejam considerados puros ou virtuosos. Com isso, o cristianismo passa a enaltecer o sacrifício e o homem toma o sofrimento como uma via de acesso à beatitude ou à redenção.

Segundo Nietzsche, o sacerdote ascético seria o grande responsável pela introdução da noção de pecado, fortalecendo a crença de que os males são decorrentes de faltas cometidas pelo indivíduo, ainda que estas imposturas tenham sido realizadas no passado, fazendo com que, dessa maneira, a culpa fosse assimilada e internalizada. A dor seria tão somente uma consequência de tais atos faltosos, de modo que a expiação da culpa seria realizada por meio de um castigo que compensasse tais erros. A moral judaico-cristã se nutre e se desenvolve a partir de tais elementos.

Com isso, diz Nietzsche, o homem passou a desprezar a si mesmo e a tudo que o torna homem, isto é, sua própria humanidade. Diante do medo de assumir sua condição de ser falível, ele passou também a negar a própria vida. Essa negação da existência concreta se dá por meio dessa busca por um refúgio metafísico, a salvação em um plano inteligível, a bem-aventurança no reino do céus. Essa fuga do mundo natural é um elemento que caracteriza o niilismo, ou seja, a negação da vida em favor de valores transcendentais. Há um conflito entre as duas esferas, pois, para se atingir o mundo ideal, seria preciso negar a própria realidade. Eis uma das marcas fundamentais da postura niilista tão presente na filosofia e na religião. Assim, diz o filósofo: “Vede que surge a contradição entre o mundo que veneramos e o mundo em que vivemos. Resta-nos: ou suprimirmos nossa veneração, ou suprimirmo-nos. O segundo caso é o niilismo” (NIETZSCHE, 1974, p. 380).

Mas que sentido assume o ideal ascético? Nietzsche tenta compreender como tais ideais são erigidos e perseguidos por artistas, mulheres, filósofos, sacerdotes e santos.

O que significam ideais ascéticos? — Para os artistas nada, ou coisas demais; para os filósofos e eruditos, algo como instinto e faro para as condições propícias a uma elevada espiritualidade; para as mulheres, no melhor dos casos um encanto mais de sedução, um quê de morbidez na carne bonita, a angelicidade de um belo e gordo animal; para os fisiologicamente deformados e desgraçados (a maioria dos mortais) uma tentativa de ver-se como “bons demais” para este mundo, uma forma abençoada de libertinagem, sua grande arma no combate à longa dor e ao

tédio; para os sacerdotes, a característica fé sacerdotal, seu melhor instrumento de poder, e “suprema” licença de poder; para os santos, enfim, um pretexto para a hibernação, sua novíssima glorie cupidito [novíssima cupidez de glória], seu descanso no nada (“Deus”), sua forma de demência. Porém, no fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu horror vacui [horror ao vácuo]: ele precisa de um objetivo — e preferirá ainda querer o nada a nada querer. (NIETZSCHE, 1998, p. 54)

Como se pode constatar, os ideais ascéticos se manifestam de diversas formas e sempre de acordo com a cosmovisão de cada “personagem” que o elabora. Tais ideais são erigidos porque os indivíduos possuem um horror ao vácuo (*horror vacui*). Assim, tenta-se, por meio do ascetismo, fugir do querer, pois, como indica Nietzsche, os homens preferem o nada a nada querer. Desse modo, os ideais ascéticos seriam uma forma de os indivíduos se direcionarem a um objetivo, pois, de acordo com o filósofo, não é possível existir vida sem que haja uma vontade, ainda que seja uma vontade de nada. Tal vontade de nada se expressa sob a forma de ideal ascético, haja vista que este nada que se persegue, ainda que não se tenha consciência dele, seria a última possibilidade de salvação para um indivíduo atormentado pela má consciência.

É nesse sentido que, no contexto da tradição judaico-cristã, o sofrimento ganha um significado, pois o homem não quer sofrer por nada. O sofrimento seria necessário para o perdão dos pecados, já que, por intermédio dele, o homem se purifica. Assim, sofrer se revela necessário, já que o homem se sente cada vez mais doente em razão do sentimento de culpa. Os ideais ascéticos se firmam como a meta a ser alcançada por aquele homem de vontade fraca e que busca a salvação em um mundo suprassensível. Essa vontade de nada é potencializada pela atuação do sacerdote ascético.

3.2. O sacerdote ascético e a vontade de nada

Vimos que, na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche investiga a razão pela qual os ideais ascéticos significaram tanto para a humanidade. Ele, como efeito, reconhece que tais ideais ganharam importância em decorrência do dado fundamental da natureza humana: o *horror vacui*. Eis por que tais ideias passaram a completar alguma coisa que faltava ao indivíduo. Ora, a vontade de nada está ligada à dinâmica da má consciência, momento em que a

crueldade se volta para dentro do próprio indivíduo, gerando a culpa, porque, uma vez que não pode ser vivenciada sem sofrimento, ela precisa ser descarregada. A vontade necessita querer algo e, nesse sentido, ela quer o nada por falta de algo tangível, visto que o homem buscava um sentido para o sofrimento. Porém, essa força não é expelida, pois ela se volta contra o próprio indivíduo. Com efeito, o ideal ascético dá sentido ao sofrimento, sentido este que o homem há muito procurava.

O asceticismo, por ser uma renúncia em prol da elevação do espírito, é capaz de atenuar o sofrimento do indivíduo, mas tudo isso às custas de uma espécie de autoengano, pois com ele se busca uma vida ideal negando uma existência real. Assim, a vida ascética, com já indicamos, não escapa dessa contradição permanente, pois usa a força para refrear a fonte da própria força. Além disso, quando se domina a própria vontade impõe-se ao corpo um sacrifício, fazendo com que a vitalidade se enfraqueça à medida que o ascetismo torna-se mais forte.

Apesar de denunciar as negações do ascetismo, Nietzsche não deixa de reconhecer sua importância, pois, com ele, o sofrimento ganha sentido, já que o sofredor adquire uma razão para se manter vivo, acreditando que, após a morte, ele será recompensado por ter abdicado da sua vitalidade. Assim:

O homem precisa de um sentido, de todo modo, para poder querer algo e o ideal ascético põe um fim ao sofrimento pela ausência de sentido. O homem também precisa de um sentido, para afirmar o sofrimento como um todo; e todo ideal suprime o sofrimento sem sentido [...]O sofrimento torna-se, então, realmente questionável e insuportável, se ele é desprovido de sentido. O ideal ascético dá a cada sofrimento um sentido; e se um sentido é dado a ele, o homem pode até mesmo querer e procurar o sofrimento [...] Deste modo, o ideal ascético supera, pura e simplesmente, as duas formas principais de sofrimento insuportável – o sofrimento pela ausência de sentido e a “ausência de sentido do sofrimento”. (BRUSOTTI, 2000, p. 6-7)

O sofredor, finalmente, encontra uma justificativa para seguir com sua vida se abstendo dela mesma e continuando ressentido e culpado. Aqui ele enfraquece sua vontade de potência que é o próprio impulso vital. Nietzsche, por isso, atribui aos ideais ascéticos o papel de acabar com a potência da vontade e transformá-la em vontade de nada.

Ao falar de vontade de nada, Nietzsche visa também contestar Schopenhauer em sua obra *O mundo como vontade e representação*. Com efeito, para Schopenhauer, a realidade é produto da vontade e ganha sentido a partir da representação que o sujeito elabora sobre aquilo que percebe enquanto que para

Nietzsche, essa noção de vontade ainda está contaminada pela metafísica, pois a vontade deve ser pensada a partir de sua procedência fisiológica e não transcendental. Assim, a vontade emana primeiramente do corpo e, por esse motivo, ela não existe como um fenômeno psicológico etéreo. Ora, para Schopenhauer, a vontade é livre, mas precisa de um objeto para se manifestar e a verdadeira liberdade só será alcançada por meio da negação dessa vontade. Eis o que ele diz:

A pessoa humana não é nunca livre. Embora seja o fenômeno da vontade livre, por isso que é precisamente um fenômeno já determinado por esta vontade livre; submetendo-se à forma de todo objeto, ou seja, ao princípio da razão, ela desenvolve, é verdade, a unidade da vontade em ações inumeráveis, mas tal pluralidade de ações conserva o rigor de uma lei natural, por causa da unidade extratemporânea desta vontade em si. (SCHOPENHAUER, 2015, p.13)

Entende-se que pode negar a vontade, fugir dela, eliminando-a, diferentemente de Nietzsche, para quem é possível querer o nada do que o nada quer. Para Schopenhauer, a vontade viva se mantém na vida ascética, apenas o suficiente para permitir que o indivíduo sobreviva. Nietzsche se contrapõe a essa ideia ao considerar que existe a possibilidade de o homem querer o nada e é nessa possibilidade, representada aqui pelo ideal ascético, que reside a tentativa de dar um sentido à vida, ainda que esta seja algo meramente ilusório. Assim, se em Schopenhauer, o nada é a liberdade, a libertação do sofrimento, já que o homem sofre por sempre querer algo e uma vez que não queira não irá mais sofrer, em Nietzsche querer o nada é uma forma de o homem preservar a sua vida.

Na *Genealogia da Moral*, Nietzsche considera que os ideais ascéticos estão alicerçados em três princípios ou valores: humildade, pobreza e castidade. Por exemplo, os humildes desejam uma vida sem pompas, bens ou qualquer coisa de cunho material, e logo se percebe que estas palavras são os pilares do cristianismo, já que, de posse delas, os pobres são vangloriados e os humilhados são exaltados. Essa tradição influencia o homem moderno que irá também perseguir esse ideal abdicando daquilo que a vida lhe oferece. Nesse contexto, o sofrimento se transforma em um meio para se alcançar fins mais elevados.

É nesse sentido que a moralidade cristã, ao procurar a todo custo aplacar as dores existenciais ou espirituais dos indivíduos, acaba por enfraquecer a própria vida, pois, de acordo com Nietzsche, o sofrimento é algo que faz parte da existência

e o seu enfrentamento fortalece os seres humanos. A vida deve ser concebida em um sentido extra moral e toda moral que venha ser erigida deve obedecer aos instintos que a constituem naturalmente. Nesse ponto, Nietzsche também se afasta de Schopenhauer, ao afirmar que,

A moral, tal como foi entendida até aqui - como por fim foi ainda formulada por Schopenhauer, como "negação da vontade de vida" -, é o próprio instinto da decadência que se transforma em imperativo. Ela diz: "Pereça!" ela é o juízo dos que foram condenados... (NIETZSCHE, 2006, p. 293-297.)

O que o cristianismo faz é justamente atribuir sentido ao sofrimento do homem para que este, com base na moral escrava, siga uma vida de negações em busca de uma realização pós-vida. Porém, se a moral é uma invenção humana, há de se concluir que ela não possui um fundamento suficiente para imputar valores negativos ou positivos à vida. A vida estaria para além de bem e mal. É nesse sentido que “a vontade do nada” se configura como uma realização decorrente da negação da vida, isto é, em uma vivência impregnada de sofrimento e dor, caracterizando, por fim, a própria vitória do ressentimento.

Nietzsche ainda ressalta que a ciência moderna pode ser considerada como uma forma sutil de niilismo, ou seja, como produto dessa vontade de nada. A ciência substitui uma verdade divina ou metafísica por uma outra calcada na racionalidade instrumental. Assim, substitui-se uma crença na salvação pela fé por uma redenção baseada na deusa razão. Os cientistas seriam, assim, a expressão moderna dos antigos sacerdotes. Ambos, de alguma maneira, cultivam o niilismo sob a forma de uma crença segundo a qual é possível redimir o homem de suas impurezas, sofrimentos e negações. De acordo com Nietzsche:

Ambos, a ciência e o ideal ascético, acham-se no mesmo terreno – já o deus a entender - na mesma superestimação da verdade (mais exatamente: na mesma crença na inestimabilidade, incriticabilidades da verdade), e com isso são necessariamente aliados – de modo que, a serem combatidos, só podemos combatê-los e questioná-los em conjunto. Uma avaliação do ideal ascético conduz inevitavelmente a uma avaliação da ciência: mantenham os olhos e os ouvidos abertos para esse fato. (NIETZSCHE, 1998, p. 89)

Ainda que tenha havido o declínio da supremacia do divino de outrora, a ciência não se ofereceu como uma alternativa ao ideal ascético; ela, na verdade, se tornou uma continuação deste. Logo, a ciência não conseguiu escapar do espectro do niilismo e da tentação do asceticismo. Nietzsche, com isso, passa a considerar a

ciência como uma aliada do ideal ascético por ela enquadrar a vida humana em modelos, esquemas conceituais, parâmetros racionais, cálculos, medidas, tornando o indivíduo prisioneiro de um mundo sistêmico que impede a expansão de suas forças vitais. É nesse sentido que os ideais ascéticos em suas várias dimensões, sejam elas artísticas, religiosas ou científicas, continuam sendo o sintoma de uma doença da alma.

3.2. O ideal ascético enquanto doença da alma

Em seu percurso genealógico, Nietzsche identifica aquilo que seria a raiz da doença que transformou o homem europeu em um ser fraco, impotente e medíocre. O processo de criação de valores está intrinsecamente ligado ao processo de adoecimento do homem, sendo o niilismo a principal consequência desta doença. Ademais, a perda do sentido faz com que a vida se volte contra si mesma e, diante da total falta de sentido, o ideal ascético aparece como uma solução porque não nega o sofrimento, antes ele o aceita e lhe atribui significado. A exaustiva análise nietzscheana serviu ainda para demonstrar como ocorre o processo de construção da moral cristã, responsável por agravar a doença do ressentimento e da má consciência e por gerar no homem todo o desprezo pela vida, tal como indica o filósofo na citação abaixo:

Lida de um astro distante, a escrita maiúscula de nossa existência terrestre levaria talvez à conclusão de que a terra é a estrela ascética por excelência, um canto de criaturas descontentes, arrogantes e repulsivas, que jamais se livram de um profundo desgosto de si, da terra, de toda a vida. (NIETZSCHE, 1998, p. 66)

Convém ainda indicar que os sacerdotes ascéticos se encarregam de administrar os remédios para um homem doente de culpa, vergonha e ressentimento, fornecendo um sentido, a fim de que este se torne manso, obediente, resignado. Porém, tais remédios não acabam completamente com a dor, porque ao mesmo tempo em que contribui, envenena, tornando a dor apenas suportável, essa ambiguidade constitui um papel importante, mas negativo. Ora, vimos que o niilismo, enquanto forma de negação da vida, é fortemente motivado pela moral sacerdotal e tem como um de seus objetivos precípuos a purificação da alma humana. Entretanto, Nietzsche considera que este que administra o remédio, o sacerdote

ascético, é também um doente que, a pretexto de curar, acaba tornando ainda mais enfermo aquele que pretende curar. Eis por que,

Com os sacerdotes tudo se torna mais perigoso, não apenas meios de cura e artes médicas, mas também altivez, vingança, perspicácia, dissolução, amor, sede de domínio, virtude, doença — mas com alguma equidade se acrescentaria que somente no âmbito dessa forma essencialmente perigosa de existência humana, a sacerdotal, é que o homem se tornou um animal interessante, apenas então a alma humana ganhou profundidade num sentido superior, e tornou-se má. (NIETZSCHE, 1998, p. 15).

Além disso, os sacerdotes apontam as falhas humanas a fim de, por meio disso, tornar o indivíduo domesticado, civilizado. Além disso, como ele não é capaz de salvar, somente lhe cabe a tarefa de consolar, suavizando o sofrimento. O sacerdote, com efeito, tem o papel de prover meios que enfraqueçam os sintomas da doença evitando que o sofrimento tome conta da consciência do seu seguidor. Outro artifício utilizado são as pequenas alegrias, como um tipo de reconhecimento pelas ações úteis, as pessoas se sentem inclinadas a atingir metas para obtenção dessa realização.

A moral judaico-cristã absorveu toda a carga de ressentimento e má-consciência e não apenas atingiu uma grande parcela de seres humanos como também pavimentou o caminho de grande parte da civilização ocidental. De fato, a tradição judaico-cristã moldou também o modo de agir das sociedades que a incorporaram em forma de tradição e costumes. Nesse sentido, a crítica de Nietzsche tem também o objetivo de demonstrar como ocorreu o adoecimento do homem e a decadência de grande parte da humanidade. Ademais, o que parece intolerável, para Nietzsche, não é o surgimento da fraqueza em si, mas o fato de ela ter triunfado de formas inimagináveis, atingindo até mesmo os fortes que também se tornaram fracos. Para Nietzsche,

Estes são todos homens do ressentimento, estes fisiologicamente desgraçados e carcomidos, todo um mundo fremente de subterrânea vingança, inesgotável, insaciável em irrupções contra os felizes, e também em mascaramentos de vingança, em pretextos para vingança: quando alcançariam, realmente o seu último, mais sutil, mais sublime triunfo da vingança? Indubitavelmente, quando lograssem introduzir na consciência dos felizes sua própria miséria, toda a miséria, de modo que estes um dia começassem a se envergonhar da sua felicidade, e dissessem talvez uns aos outros: “é uma vergonha ser feliz!” (NIETZSCHE, 1998, p. 71)

A forma como o cristianismo se originou e se desenvolveu durante mais de dois mil anos foi responsável por desencadear uma total estagnação na humanidade, pois seus preceitos se baseiam na prevalência de um mundo ideal desconectado da vida concreta dos indivíduos.

Nessa mesma direção, Nietzsche denuncia que um dos grandes problemas enfrentados pelo homem é representado pelo comodismo diante dessa situação, fazendo com que ele se acostume com sua própria doença e alimente sua fraqueza sob a forma um viver destituído de força e potência. Recomenda aos fortes que não se deixarem contaminar pelos doentes:

Não poderia haver erro maior e mais fatal do que os felizes, os bem logrados, os poderosos de corpo e alma começarem a duvidar assim do seu direito à felicidade. Fora com esse 'mundo ao avesso'! Fora com esse debilitamento do sentimento! Que os doentes não tornem os sadios doentes" – (NIETZSCHE, 1998, p. 71)

O fato é que, segundo o referido autor, o niilismo dos escravos triunfou, e, mesmo que nem todas as sociedades tenham se rendido à moral judaico-cristã, seus preceitos estão disseminados e presentes nas mais diferentes culturas e formas de organização social.

IV. CONCLUSÃO

Vimos, no presente estudo, os vários aspectos da crítica de Nietzsche à moral judaico-cristã. Para tanto, tivemos que indicar como se dá o percurso genealógico do referido filósofo ao demonstrar como ocorre a transvaloração dos valores, o surgimento da má consciência e a elaboração dos ideais ascéticos. Tais elementos se impõem como fatores determinantes para a compreensão do modo como a moral judaico-cristã se constituiu na forma de instrumento de opressão da vontade de poder do indivíduo.

Para ele, a moralidade cristã, fundamentada na figura de um Deus eterno e onipresente, elabora uma concepção caracteristicamente humana a partir da qual derivam os costumes e os modos de vida dos indivíduos em sociedade. Ela prega a beatitude com vistas à eternidade, mas isso tem como efeito colateral a negação da existência real e concreta. Com o cristianismo, o centro de gravidade foi colocado fora da vida, pois o sujeito passou a procurar a redenção, a salvação em um “além-vida”, esquecendo-se de viver e assumir a sua própria existência. Apesar disso, ele denuncia o envenenamento dos espíritos causados pelo sacerdote ascético, chamado de “o pior dos inimigos”.

Essa tradição, juntamente com a ação do sacerdote, tornou o indivíduo cada vez mais doente, malgrado, fraco, acovardado, pois submeteu a sua vontade ao poder de uma entidade soberana e divina. Assim, se antes o homem dispunha de si mesmo, de seus valores, de sua força, a partir do momento em que escolheu viver preso a dogmas e crenças transcendentais, nenhuma má consciência atingia o seu espírito. Porém, ao se submeter aos ditames da moral judaico-cristã passou-se a viver de forma adormecida, doente, pois começou a cultivar uma consciência culpada.

Nietzsche chama esse assustador fenômeno de “processo de interiorização do homem” a partir do qual se deu a retração dos instintos. Essa seria a fonte de suas dores e sofrimentos. Assim, aquele homem que caçava, conquistava, coletava, dominava, explorava, passou a ser domesticado pela religião e pela moralidade dos costumes. O homem selvagem foi domesticado à força e agora pode ser encontrado debatendo-se dentro de seu próprio corpo.

Houve uma espécie de ruptura quando os instintos perderam a utilidade para o homem. Quando todos os impulsos que antes eram usados para conquistas, ou para a mera sobrevivência, tornam-se inúteis, o indivíduo, segundo Nietzsche, perdeu o seu rumo e se transformou em um animal manso, apequenado, em uma palavra: doente.

Nietzsche, ao tratar do ressentimento, da má consciência e dos ideais ascéticos, acusa uma distorção na moralidade cristã que, como vimos, se inspira na filosofia platônica. Ambas se tornaram profundamente prejudiciais para a existência concreta dos indivíduos, pois retiram o substrato ontológico do mundo, gerando no indivíduo o desejo de fugir do mundo sensível ou de encontrar a salvação no reino dos céus.

A moralidade cristã seria, assim, a culminação de um processo de supressão da importância do mundo concreto em favor de uma esfera abstrata, espiritual, que se inicia a partir da superação da visão trágica de mundo dos antigos gregos, a qual foi suplantada pela tradição socrático-platônica. Contudo, enquanto o platonismo, apesar de seu acentuado ascetismo, manifestava uma compreensão otimista do real, acreditando no poder da razão como meio capaz de garantir a felicidade ao homem, sobretudo por libertá-lo das armadilhas da sensibilidade, o cristianismo, por sua vez, desenvolve uma compreensão muito mais triste e decadente do mundo, pois soma ao seu ideal espiritual as noções de pecado e de culpa, utilizados como recursos coercitivos contra o homem. Com isso, o indivíduo tornou-se incapaz de afirmar plenamente as suas forças e deixou-se dominar pela moralidade dos costumes e, sobretudo, pela moral judaico-cristã.

5. REFERÊNCIAS

BRUSOTTI, Marco. *Ressentimento e Vontade de Nada*. Gen-grupodeestudosnietzsche.net. cadernos Nietzsche, p. 3-32. 2000. Acesso em: 01.06.2021. Disponível em: http://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/cn_08_01-Brusotti.pdf.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1988.

NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo.: Companhia das letras, 1998.

_____. *Além do bem e do mal*, São Paulo: Hemus, 1981.

_____. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo.: Companhia das letras, 2006.

MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

_____. *A transvaloração dos valores*. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e Representação*. Versão eletrônica do livro quatro (4) da obra “O Mundo como Vontade e Representação”: Trad. Heraldo Barbuy. p. 1–104. 2015. Acesso em 15.06.2021. Disponível em: <https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/01/O-Mundo-como-vontade-de-representa%C3%A7%C3%A3o-Vol.-IV.pdf>

STERN, J. P. *As ideias de Nietzsche*. São Paulo: Cultrix, 1982.